

Em editorial de anteontem, observávamos que o governo, ao dizer que uma inflação de 20% ao mês “torna inevitável” um choque, acabou por dar uma dica aos remarcadores de preços. Quem mais rapidamente entendeu como tal a justificativa do “emendão” elaborado pela equipe do Ministério da Economia foi o mercado financeiro. O preço do dinheiro foi o primeiro a explodir. Já na segunda-feira, os juros dos Certificados de Depósito Bancário (CDBs) davam um salto espetacular de 160 pontos percentuais, passando de 520% a 680% ao ano. Demonstrando possuir ainda muito fôlego, ontem deram novo salto, para 800% ao ano. Isso significa que, só neste mês, os saltos dos juros acumulam a impressionante marca de 429 pontos percentuais (estavam em 371% no dia 1º de agosto).

Até que existe uma certa lógica aritmética por trás desses pulos que deixariam mortos de inveja os saltadores que participam do Campeonato Mundial de Atletismo em Tóquio. Vejamos. Em julho, quem aplicou em CDB perdeu dinheiro, como mostrou o **Jornal da Tarde** ontem. Para uma inflação de 13,22% (medida pelo IGP-M, da Fundação Getúlio Vargas) ou de 12,83% (pelo IGP-DI, também da FGV), a remuneração líquida ficou entre 11,06% e 11,39%. Só as taxas mais altas, conseguidas pelos grandes aplicadores, conseguiram superar o índice calculado pela Fipe, que ficou em 11,30%.

O índice da Fipe parece explicar o salto de ontem. Esse índice é divulgado semanalmente e representa a variação média dos preços de determinados produtos num período de quatro semanas, que os pesquisadores chamam de quadrissemana. Na primeira quadrissemana de agosto a variação foi de 11,88%.

Na segunda, conforme a instituição acaba de divulgar, a alta foi de 12,80%. O pulo de uma quadrissemana para outra é grande. Se esse pulo se repetir nas próximas semanas, chegaremos ao final de setembro com uma inflação mensal de cerca de 18,5%. É exatamente essa a remuneração líquida de um CDB de 30 dias com taxa anual de 800%. Mera coincidência?

Cansada de choques econômicos que até agora não conseguiram mais do que escamotear os verdadeiros problemas que estão por trás da inflação, a sociedade brasileira tem entranhada em seu espírito uma desconfiança quase irracional que aceita, endossa, justifica e multiplica, por algum indexador, qualquer expectativa. Chega-se a um ponto — e não parecemos longe dele — em que, quanto mais catástroficas, mais populares as expectativas. E então — aqui somos obrigados a concordar com os autores do “emendão” — o choque torna-se inevitável, para romper essa lógica da catástrofe.

Não há dúvida de que, no curto prazo, a situação é difícil. A inflação está em alta, o superávit comercial está em queda, a dolarização está em expansão, o déficit público está de volta. Mas o governo está empregando, até o limite do possível, as políticas monetária e fiscal, as únicas de que dispõe, para o curto prazo. Segurou o dinheiro como pôde, cortou despesas onde conseguiu. Não é daí, pois, que surgem pressões inflacionárias adicionais. Elas surgem justamente da desconfiança, que excita a remarcação — e é esse fenômeno que os índices da Fipe estão produzindo.

Essa desconfiança só desaparecerá se o Congresso aprovar as emendas à Constituição que o governo está propondo. E o Congresso só as aprovará se sentir que a sociedade as deseja.